

circulador

Ventilando

*A participação
dos jovens na
promoção da saúde*

idéias



Por que apostar
no jovem?

Fala de jovens

Discriminação e saúde
não têm nada a ver

Depoimento
de profissionais

Experiências na área da
saúde do adolescente

Escolas que investem no
protagonismo juvenil

Circulando idéias e intenções

"Fiquei uma semana com aquela coceira, lavava toda hora, jogava álcool... porra, maluco, a maior loucura (...), tinha tipo um bagulho branco no pênis... tomava banho, lavava, botava álcool e mercúrio com iodo, (...) queimava pra caramba... não fui nem no hospital. Nem falei com a minha mãe, minha mãe fala pra caramba. Curei assim mesmo: com mercúrio, álcool e iodo" (jovem da Maré).

Um depoimento como este nos traz alguns desafios: como contribuir para que os jovens se conscientizem dos riscos, se previnam e se cuidem de forma adequada? Como organizar os serviços de saúde para que ofereçam um atendimento mais adequado às suas necessidades? Como mobilizar a comunidade e a família para apoiarem os jovens?

Não é simples, mas é possível. Nesta publicação buscamos selecionar algumas experiências da Secretaria Municipal de Saúde da cidade do Rio de Janeiro (SMS-RJ) e de seus parceiros, que vêm contribuindo para a promoção da saúde e para a qualificação dos serviços. Essas iniciativas têm alguns aspectos em comum: a disponibilidade dos profissionais, a aposta na potencialidade dos jovens, o reforço de sua identidade e autonomia e a construção de parcerias que favoreçam a inclusão social.

Merece destaque o investimento no protagonismo, uma estratégia que busca incentivar os jovens a se tornarem sujeitos da transformação construtiva da realidade. A participação ativa desse grupo no planejamento, realização e avaliação das ações contribui para sua eficácia e impacto. Os jovens promotores de saúde do Adolescente da Maré, por exemplo, batizaram a sala de espera do posto onde eles acolhem os adolescentes, de "sala de chegada", afinal de contas, quem é que gosta de ficar esperando? Os clientes são inscritos como "sócios", demonstrando um compromisso com o cuidado, mas também com o prazer. Inovações como essas precisam ser incorporadas pelas unidades de saúde.

Essa visão do adolescente e do jovem como indivíduos capazes de realizar atividades de relevância social contribui para o fortalecimento da sua auto-estima, repercutindo na sua saúde, nos seus relacionamentos e nos seus projetos de vida. Precisamos apostar cada vez mais nessa estratégia para promovermos saúde através de serviços de melhor qualidade.

Viviane Manso Castello Branco

Gerente do Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria Municipal de Saúde/RJ

SUMÁRIO

Por que apostar no jovem	3
Uma ótima parceria: unidades de saúde e jovens	4
O protagonismo do Adolescente da Maré	6
Saúde sem discriminação	8
Os jovens e a escola	10
Projeto Solta a Voz	11

Circulador

Uma publicação destinada aos profissionais de saúde do município do Rio de Janeiro

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Prefeito César Maia

Secretaria Municipal de Saúde

Secretário Ronaldo Cezar Coelho

Subsecretário Mauro C. A. Marzochi

Superintendência de Saúde Coletiva

Maria Cristina Boaretto

Coordenação de Doenças Transmissíveis

Betina Durovni

Coordenação de Programas de Atenção Integral à Saúde

Kátia Maria Ratto

Responsabilidade técnica: Gerência de Programas de Saúde do Adolescente (PROSAD)

Viviane M. Castello Branco; Dilma C. Medeiros;

M^{te} de Fátima G. Coutinho; Sonia Melges; Luciana Phebo

Coordenação e edição

Saber Viver Comunicação (21 2544 5345)

Projeto Gráfico

Estúdio Metara (21 2532 5589)

Foto

Alex Ferro / Ag. Pedra Viva (21 2557 0344)



Seminário discute DST/Aids sob a ótica da Juventude

Cerca de 300 participantes marcaram presença no Seminário Juventude: Potencialidades e Possibilidade de Enfrentamento às DST/Aids, em 28 de junho, no auditório do Senac na Tijuca.

O evento foi promovido pelo Programa Municipal de Saúde do Adolescente (Prosad) em parceria com o Programa Municipal de DST/Aids do Rio de Janeiro.

Um dos fatos marcantes deste seminário foi a presença maciça de jovens, inclusive compondo a mesa de debates, a maioria integrantes do projeto Adolescente da comunidade da Maré (conheça esta iniciativa nas páginas 6 e 7).

Para Viviane Castello Branco, gerente do Prosad, este evento significou uma importante oportunidade de refletir com os jovens sobre estratégias inovadoras de promoção de saúde e prevenção das DST/Aids, com ênfase na diversidade e no respeito às singularidades de diferentes grupos.

Por que apostar no jovem

Perceber que o adolescente pode ser uma parte da solução de diversas questões e não um problema a ser enfrentado é o principal desafio da maioria dos profissionais de saúde e de educação que trabalham com jovens.

Infelizmente, muitos só vêem a adolescência como um momento de tensões e conflitos. Pensando assim, esses profissionais criam obstáculos para um trabalho eficiente. A adolescência é o período da experimentação, o que torna o jovem vulnerável a uma série de questões que podem colocar a sua saúde em risco, como as drogas e as doenças sexualmente transmissíveis. Neste momento, o adolescente precisa contar com uma rede de apoio – formada por familiares, profissionais da educação e da saúde e amigos – que o auxiliem dando alternativas para que ele opte por atitudes mais saudáveis de vida.

O caminho do Protagonismo Juvenil

Uma das formas mais eficientes de trabalhar com adolescentes na promoção da saúde é através de ações que incentivem o Protagonismo Juvenil. Este conceito significa, tecnicamente, colocar o jovem à frente das discussões dos problemas relativos à escola, à comunidade e à sociedade de uma maneira geral. Ou seja, ouvir, compreender e respeitar o adolescente. Esta publicação divulga diversas experiências que mostram a importância da atuação dos jovens como promotores de saúde. Ampliar essa forma de atuação nos centros de saúde é um de-

Dados sobre adolescentes no Rio de Janeiro

972.576 adolescentes de 10 a 19 anos, vivem na Cidade do Rio de Janeiro. Eles correspondem a **16,18%** do total da população.

50% são jovens do sexo masculino.

50% são jovens do sexo feminino.

Fonte: DATASUS, 2004

18,5% dos nascidos vivos são filhos de adolescentes

23,7%, o maior percentual de mães adolescentes, está centralizado na AP5.3

1148 adolescentes tiveram morte violenta, sendo a agressão por disparo de arma de fogo a primeira causa de óbito em 2002.

Fonte: SMS

591 casos de AIDS entre adolescentes foram notificados até 31 de outubro de 2004.

Fonte: SMS

safo, tanto que a gerente do Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (Prosad/RJ), Viviane Castello Branco, reconhece que desenvolver um trabalho através do Protagonismo Juvenil não é uma tarefa simples. “Para que os profissionais incentivem a participação do adolescente, é preciso que aceitem a sua autonomia e percebam o que é ser jovem na sociedade atual e a contribuição que esses jovens podem dar”.

Para a promoção da saúde, da autonomia e o bem estar dos adolescentes, o Prosad sugere aos serviços de saúde:

Disponibilidade: Ouvir o que os adolescentes e jovens têm a dizer e acolhê-los sem fazer julgamentos e cobranças. Protagonismo: Envolvê-los no planejamento, desenvolvimento e avaliação das atividades.

Jogo de cintura: Ter flexibilidade de horários, reduzir a burocracia, não exigir de rotina a presença de responsáveis.

Pacto: Garantir a privacidade. Respeitar o sigilo e a confidencialidade das informações, conforme preconizam o Estatuto da Criança e do Adolescente e os códigos de ética profissionais.

Criatividade: Realizar atividades atraentes, com metodologias participativas, que desenvolvam habilidades e estimulem a curiosidade e a sensibilidade.

Respeito: Estar atento às singularidades relativas a idade, gênero, raça/etnia, condição sócio-econômica, vínculos familiares, incapacidades, entre outras.

Família – Desenvolver ações voltadas para a família, apostando na sua capacidade de cuidado.

Parcerias: Estabelecer parcerias com ONGs, comunidade e outros setores governamentais para ampliar a atuação junto aos adolescentes, oferecer retaguardas e favorecer o acesso a atividades esportivas, artísticas, profissionalizantes e de fazer.

De braços

Boa acolhida faz com que jovens passem a freqüentar postos de saúde

Não desperdiçar a oportunidade de atender o jovem que chega procurando ajuda. Esse é o lema de profissionais de diferentes unidades de saúde da cidade do Rio de Janeiro que investem na promoção da saúde do jovem.

No PS Madre Teresa de Calcutá, na Ilha do Governador, todos os meninos e meninas entre 12 e 18 anos que chegam ao posto são encaminhados para o AIA – Programa de Atendimento Integral ao Adolescente. Lá, uma assistente social está pronta para ouvir, dar as orientações necessárias e marcar uma consulta. Tudo isso sem a necessidade de longas filas de espera.

Segundo Riva Rozenberg, pediatra e coordenadora do AIA, o número de adolescentes atendidos aumentou bastante desde que o programa foi implantado, em 1997. Um dos fatores que mais contribuem para isso é a propaganda boca a boca. “O jovem sai do posto falando que aqui existe um lugar só para adolescentes, que o atendimento é rápido, e volta trazendo colegas, namorados e namoradas”, conta.

Já em Sulacap, o PS Masao Goto investe na capacitação dos funcionários que estão na porta de entrada do posto. “É importante que todos os profissionais saibam ouvir e encaminhar o jovem para o atendi-



to”, diz Sandra Prado, assistente social.

Discussão de temas estimula o adolescente

Profissionais dos dois postos de saúde reconhecem a importância dos grupos de

discussão para a formação de jovens mais conscientes e saudáveis, além de ser uma forma de atraí-los para as unidades. Nos grupos, são abordados temas como sexualidade, DSTs, práticas de contracepção, responsabilidade, violência, drogas e projeto de

“Eu ouvia falar sobre camisinha e tenho vergonha de perguntar o que era. No posto, aprendi para que serve. Agora se eu for a uma festa e ficar com alguém já sei que tenho que usar camisinha.”

Daniel, 14 anos

“Eu e minha namorada participamos do grupo de planejamento familiar. Aprendemos que é preciso primeiro estudar bastante para depois começar a pensar em ter filho.”

Douglas, 19 anos

“O que eu mais gosto aqui é o grupo porque eles ensinam coisas diferentes do que eu aprendo na rua.”

Ronald, 15 anos

“Gosto de vir na psicóloga para desabafar e ouvir conselhos. É como se ela fosse da minha família.”

Amanda, 13 anos

“Tive um filho agora e não quero engravidar de novo. Quero participar do grupo de planejamento familiar para aprender um pou-

co mais sobre relações sexuais.”

Luciana, 16 anos

“Depois que eu participei do grupo de homens jovens, passei a ser mais responsável e a cuidar mais de mim.”

Erasmão, 17 anos

“Muitas pessoas pensam que posto de saúde é só para mulher, mas eu acho que é para todo mundo.”

Marcos, 11 anos

abertos

vida. Mais do que informar, esses debates favorecem a autonomia e a auto-estima dos jovens. “É recompensador ver as meninas conseguindo se colocar melhor diante de seus parceiros e buscando outros objetivos na vida que não seja engravidar precocemente”, diz Riva, pediatra do PS Madre Teresa de Calcutá, que aponta ainda para a importância de trabalhar com a família: “Os jovens sentem falta do apoio dos pais nessa fase e se ressentem de problemas no relacionamento familiar”.

Parceria com a educação é fundamental

No PS Masao Goto, a maior preocupação dos jovens é com o futuro profissional, como revela a assistente social Sandra. “A falta de recursos desses jovens e nossa, como instituição, leva a um sedentarismo muito grande”, diz ela. “Precisamos, com urgência, de uma parceria mais efetiva com a educação. Na zona oeste não há para onde encaminhar o jovem que quer fazer um curso de informática, de teatro ou música. Muitos sonham com isso”.



Sandra Prado, assistente social do PS Masao Goto

“Eu fui uma adolescente que frequentou grupos de educação e saúde, em comunidade carente. Minha escolha profissional teve a ver com essa experiência e hoje me sinto vitoriosa por proporcionar a outros adolescentes esse caminho”.

Luiz Carlos Moreno: Um gestor que apóia o atendimento dos adolescentes



Diretor do PS Madre Teresa de Calcutá, o pediatra Luiz Carlos Moreno fala nessa entrevista sobre o sucesso e os desafios do Programa de Atendimento Integral ao Adolescente (AIA).

Mas não basta gostar de adolescente, tem que se qualificar para o trabalho.

Como os profissionais do AIA se prepararam para esse trabalho?

Com capacitação e atualização constante. Se um profissional precisa se ausentar do posto para assistir um curso ou seminário, recebe meu apoio. No seu retorno à unidade, ele vai poder aplicar e repassar o que aprendeu. Isso é um estímulo para o profissional e uma forma dele se sentir mais seguro nas suas condutas.

Que desafios um programa como AIA enfrenta?

A consulta de um adolescente, frequentemente mais longa do que o habitual, e a necessidade de paradas periódicas para reuniões de equipe são desafios que o gestor tem que enfrentar para investir na qualidade do atendimento, que é nossa prioridade.

Existe um profissional ideal para trabalhar com adolescentes?

Dr. Moreno: Apesar de achar que, entre os profissionais médicos, o pediatra é o que mais reúne requisitos para lidar com adolescentes, pelo fato de estar acostumado a lidar com a família e com questões ligadas ao desenvolvimento, isso não é uma regra. As características do profissional devem ser respeitadas. Uma pessoa aberta ao diálogo, por exemplo, se identificará melhor com o trabalho.

“Nunca perco a chance para uma boa conversa”



Conceição Miranda é enfermeira do PS Flávio Couto Vieira, em Anchieta, e se tornou profissional de referência para os jovens da região. “Nunca perco a chance de uma boa conversa”, diz ela. “A maioria dos meninos entra aqui para pegar camisinha e eu aproveito para dar orientações sobre higiene, drogas e vejo se ele precisa de atendimento médico. Mas o que eles mais querem é falar sobre sexualidade”. Nesse ponto, os adolescentes encontraram a pessoa certa. “Não tenho o menor constrangimento, falo sobre tudo com os meninos e dou bronca quando é preciso. Mas não dá para ser repressiva, tem que ter jogo de cintura”. Quando precisa encaminhar algum jovem para outra unidade de saúde, Conceição manda, junto com a guia de referência, um pedido para que ele seja atendido o mais breve possível. “Tenho que facilitar a vida do menino, senão ele acaba desistindo de cuidar da saúde”.

Sábado tem programa no posto



Jéssica, Vanessa, Jaqueline, Ticiane e Édio fazem parte da equipe do Adolescentro. Todos os sábados eles estão no PS Hélio Smith, na Maré, participando das atividades

Todos os sábados, os postos de saúde Helio Smith e Gustavo Capanema, no complexo da Maré, abrem suas portas para receber um animado grupo de adolescentes, que cresce a cada semana. O responsável por essa façanha é o projeto Adolescentro, uma parceria do Prosad (Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria Municipal de Saúde) com a ONG Ceasm (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré).

O Adolescentro nasceu da necessidade de envolver jovens em um projeto de promoção de saúde e vem apostando no protagonismo juvenil para isso. A ideia de reunir profissionais de diferentes áreas e adolescentes para discutir temas e planejar ações capazes de atrair outros adolescentes para o posto de saúde tem dado certo. Aos sábados, os postos de saúde que fazem parte do projeto estão sempre repletos de meninos e meninas entre 12 e 24 anos, que nem sempre estão ali em busca de um atendimento de saúde. "Muitas vezes, o jovem vem ao posto para encontrar amigos, jogar bola ou arrumar namorada. Alguns vêm pegar camisinha ou anticoncepcional. Chegando aqui, são convidados a participar dos grupos e oficinas que são realizados aos sábados. Caso alguma questão mais importante seja identificada, os próprios jovens do projeto o encaminham para o mé-

"Grupo jovem tem em qualquer esquina, mas aqui é diferente"

Jovens da Maré dizem o que acham da experiência de integrar o projeto Adolescentro

"Eu aprendo lições de vida aqui. Todos os profissionais se interessam pelo que está acontecendo com a gente."

Édio, 17 anos

"Acho importante não ficar só criticando o lugar que a gente mora, mas tentar fazer alguma coisa para melhorar."

Junior, 20 anos

"Tudo que eu aprendo aqui, passo para os meus amigos da escola ou da comunidade, que sempre me procuram para tirar alguma dúvida sobre DSTs, gravidez e o uso da camisinha. É bom perceber que nosso trabalho não é em vão."

Vanessa, 18 anos

"Nas discussões no grupo de mulheres, aprendemos a nos expressar melhor e a ter mais confi-

ança em nós mesmas. A experiência de uma acrescenta a da outra."

Bárbara, 18 anos

"Aqui tem coisas que não tem nos outros postos, como o Adolecine. Nós assistimos a um filme, comemos pipoca e depois debatemos o assunto tratado."

Jéssica, 16 anos



Daniele e Junior realizam oficinas para adolescentes da Maré e de fora da comunidade

dico, psicólogo ou assistente social do Adolescentro. Isso se dá de uma maneira muito natural, pois são todos jovens, falam a mesma língua e vivem coisas parecidas”, revela Dilma Medeiros, psicóloga e coordenadora do grupo de jovens integrantes do projeto.

De jovem para jovem

Os jovens que fazem parte do Adolescentro são essenciais para o sucesso dessa idéia. Além de recepcionarem os adolescentes que chegam aos postos aos sábados, eles trabalham como facilitadores dos grupos de discussão. Com a coordenação de um profissional da equipe, nesses encontros são debatidos temas que os jovens pouco relacionam à saúde, mas que dizem respeito a sua vida cotidiana, como namoro, sexo, sonhos, responsabilidade, violência, participação e diversão. Dessa maneira, o adolescente é conquistado por uma noção integral de

saúde e cidadania. “Fazer parte de um projeto como esse contribui para que os jovens reconheçam e acreditem no seu potencial”, ressalta Dilma. “Muitos voltam a freqüentar a escola e planejam entrar para a faculdade e exercer uma profissão”.

Dentre os grupos que se reúnem no Adolescentro, o Projeto Homens Jovens e Saúde se destaca por ser uma iniciativa inovadora. A reunião de rapazes para a discussão de temas como cuidados com a saúde, paternidade e responsabilidade tem contribuído para que eles vençam sua resistência em freqüentar o posto de saúde. Junior, 20 anos, é o facilitador do grupo de homens jovens do PS Gustavo Capanema. Ele revela que muitos deles chegam atraídos pelo futebol que é jogado no local aos sábados e aproveitam para assistir uma palestra ou participar de uma oficina e acabam interessados pelo projeto. “Muitos jovens têm problemas e não têm com quem falar. No grupo, eu proponho assuntos e questões que não são discutidas numa roda de amigos e o resultado é incrível, a gente vê na hora. Aqui você pode se abrir porque existe muito respeito”, diz Júnior.

Os jovens do projeto também realizam oficinas, principalmente sobre saúde e sexualidade, em escolas, igrejas e ruas da Maré. Suas ações contagiam outros jovens da comunidade, que os vêem como referência e os procuram para tirar dúvidas e conhecer as atividades do Adolescentro.

Tempo para formar, planejar, implementar e avaliar

A formação da equipe do Adolescentro, que desde o início é composta por profissionais e adolescentes, envolve constantes reuniões, palestras e oficinas.

eu aposto!



Cynthia Ozon, coordenadora executiva do Adolescentro

“Eu acredito no protagonismo juvenil. Não há ninguém melhor para orientar outro jovem do que um jovem bem orientado. Seu testemunho positivo de vida vai influenciar muito mais outros jovens do que eu, como psicóloga, seria capaz”.

A psicóloga Cynthia Ozon Boghossian, coordenadora executiva do projeto, acredita que a oportunidade de ter jovens e adultos reunidos para planejar, discutir e avaliar as ações implementadas torna o trabalho extremamente interessante e proveitoso para todos. “Nesses encontros, o profissional tem a chance de refletir sobre seus conceitos e entender o que é e o que não é possível ser feito. O jovem, por sua vez, passa a acreditar no seu potencial e deixa de ver o profissional como um ser inatingível”, diz ela.

O trabalho multidisciplinar

Não privilegiar sua área de atuação e ter disposição para articular com profissionais de outras especialidades são as regras básicas do trabalho no Adolescentro. “É primordial que o psicólogo possa perceber a importância do trabalho do dentista para a auto-estima do paciente, assim como o médico deve reconhecer o valor do apoio psicológico para que o tratamento prescrito tenha sucesso”, exemplifica Cynthia.

Aqui ninguém é santo

Peça de teatro coloca a violência em questão

A peça de teatro “Aqui ninguém é santo”, com jovens do Adolescentro, foi apresentada em diversos locais dentro e fora da Maré. Realizada a partir da experiência dos próprios adolescentes, abordava temas como a violência. Daniele, uma das integrantes do elenco, se orgulha da peça ter quebrado a barreira do tráfico e ter sido apresentada em toda a Maré.

“O Adolescentro mostra ao jovem que ele pode quebrar o mito de que jovem de comunidade carente não tem futuro. Nós somos a prova disso”, diz ela, que faz o pré-vestibular do Ceasm e pretende cursar enfermagem. Segundo a psicóloga Cynthia Ozon, é importante que os jovens questionem a violência para evitar sua banalização.



Discriminação não combina com **saúde**

O direito a um atendimento de saúde adequado está previsto no artigo 196 da Constituição Federal. Todos os códigos de ética de profissionais da área também ressaltam a importância de prestar um atendimento de qualidade sem nenhum tipo de discriminação. Porém, muitas vezes, a realidade no serviço de saúde é outra. O que prevalece são os tabus e preconceitos que levam vários cidadãos a serem discriminados e estigmatizados, gerando sérios entraves na promoção da saúde.

A importância do respeito às diferenças

Vagner de Almeida coordena, na Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), o projeto Juventude e Diversidade Sexual, destinado a jovens homossexuais. O objetivo principal do projeto é resgatar a cidadania desses jovens e inseri-los na sociedade. O grupo é formado por jovens da Baixada Fluminense e periferia do Rio de Janeiro. "Eles reclamam muito da postura dos profissionais de saúde. Os travestis, principalmente, são muitas vezes humilhados e passam horas à espera de atendimento. A situação é pior quando alguns recebem o teste positivo para HIV/Aids, sem o menor cuidado e orientação. Muitos dizem que preferem se automedicar na farmácia", conta Vagner. Caio, 23 anos, nunca se sente à

vontade no serviço de saúde para se declarar homossexual: "Tenho certeza que serei discriminado. Eles não nos tratam com respeito. Faço o exame anti-Aids duas vezes ao ano e nunca revelo que sou homossexual".

"Nunca digo no posto que estou infectada pelo HIV"

O medo da discriminação também faz com que, muitas vezes, jovens soropositivos não revelem que estão infectados pelo HIV nos serviços de saúde. "Faço o meu tratamento no Hospital dos Servidores do Estado (HSE), onde sou bem atendida. Porém, quando preciso de um atendimento de emergência, perto da minha casa, nunca digo que estou infectada pelo HIV", confessa Luciana, de 19 anos, seguindo a recomendação de sua médica Maria Letícia Santos Cruz, pediatra e infectologista do HSE. "Infelizmente, oriento os jovens para que eles não se exponham demais. Em termos clínicos, dizer que é soropositivo não vai fazer muita diferença em um atendimento de emergência. Somente quando os encaminhado para algum serviço, como ginecologia, por exemplo, preparo um laudo para o profissional", revela a pediatra. Para Maria Letícia, nesses casos, a discriminação está relacionada à falta de informação que alguns profissionais de saúde ainda possuem sobre a epidemia. "Apesar dos esforços das secretarias de

Adolescência e Diferença

SANDRA LOBO
Coordenadora do Progr. de Reabilitação a Prefeitura do Rio de Janeiro



Na adolescência, as alterações físicas e de sentimentos nem sempre são acompanhadas de mudanças dos comportamentos infantis para comportamentos mais responsáveis e autônomos. A sociedade é ambígua ao lidar com o "diferente". Compreender e trabalhar as limitações, muitas vezes, esbarra na expectativa social da "normalidade", que contraditoriamente valoriza as incapacidades em detrimento das possibilidades do indivíduo. Quando pensamos nas pessoas com deficiência como sujeitos que têm pretensões, ambições e escolhas, percebemos a necessidade que eles têm de viver experiências novas que expressem sua capacidade de estar integrados na comunidade e, portanto, expostos a riscos, liberdades e responsabilidades. Muitos adolescentes com deficiência são capazes de desenvolver comportamento apropriado, autonomia, independência e relacionamento com os outros desde que experimentem sua sexualidade de forma tranqüila e segura conhecendo as transformações físicas, emocionais e sociais que ocorrem neste período particular de vida.

para **saber** + Sandra Lobo: lobo@pcrj.rj.gov.br

Teatro do Oprimido põe o povo no palco

Arte pode se transformar em um instrumento de transformação da vida. Dentro desta concepção, o Centro do Teatro do Oprimido (CTO-Rio), criado há 18 anos pelo teatrólogo Augusto Boal, trabalha implementando projetos artísticos que estimulam a participação ativa das camadas menos privilegiadas da sociedade. O objetivo básico deste trabalho é fortalecer a cidadania utilizando o teatro como meio. Nos espetáculos do CTO-Rio, o público opina e é convidado a participar, buscando alternativas para resolver o conflito gerado pela peça.

Além dos espetáculos, o CTO-Rio oferece oficinas para profissionais das mais diversas áreas, principalmente os de Saúde e de Educação, no intuito de dar subsídios para ampliar o diálogo destes profissionais com o público em geral. "O teatro tem o poder de chamar a atenção, de abrir portas e ampliar o diálogo", afirma Helen Sarapect, uma das coordenadoras do CTO.

para **saber** + Cursos e oficinas
(21) 2232-5826
2215-0503 ou
www.ctorio.com.br



Grupo Artemanha (CTO) apresentando a peça Fruto Proibido, espetáculo de prevenção às DST/Aids

saúde, promovendo treinamento, muitos profissionais ficam preocupados quando atendem soropositivos. O primeiro passo é obedecer as normas de biosegurança determinadas pela Organização Mundial de Saúde, que devem ser seguidas em qualquer atendimento, como o uso de luvas, máscaras etc". Quanto ao tratamento de emergência a uma pessoa com HIV, a médica do HSE esclarece que ele deve ser prescrito como em qualquer paciente imunodeprimido: "O primeiro passo é tratar a doença, seja uma tuberculose, uma sinusite ou uma pneumonia. Depois que o paciente melhorar, encaminhe-o a um especialista, sem discriminação e respeitando o sigilo e a individualidade de cada um".

Seminário discute atendimento à população negra

Que a sociedade brasileira possui um componente racista, ninguém mais tem dúvidas. Agora, quais as conseqüências deste racismo no atendimento público de saúde? Esta questão foi debatida no I Seminário Nacional de Saúde da População Negra, em Brasília entre os dias 18 e 20 de agosto. "Apesar da universalidade que propõe o SUS, temos que discutir o racismo, que faz parte de toda a nossa sociedade e é reproduzido em alguns centros de saú-

de", afirma José Marmo, um dos coordenadores do evento. Segundo dados coletados pela ONG Criola/RJ, a mortalidade materna entre negras no Paraná é 7,4 vezes maior do que entre brancas. Outro estudo divulgado pela ONG afirma que as brancas recebem mais anestesia na hora do parto do que as negras.

Profissionalismo e solidariedade: a equação ideal

Essas são as palavras que, para Vagner Almeida, da Abia, transformam um atendimento humanizado e eficiente. "Os jovens, principalmente os homossexuais, estão mais vulneráveis a contrair doenças como o HIV/Aids. Estão na fase da experimentação de uma forma geral. Ou seja, precisam receber um atendimento baseado no respeito pelas diferenças e na escuta comprometida. Somente assim será possível construir uma estratégia de atendimento que os leve a opções mais saudáveis de vida". Para Maria Letícia do HSE, o desafio das unidades é facilitar o acesso do jovem saudável ao atendimento médico. "Os serviços de saúde precisam chegar a esses jovens saudáveis, criando um intercâmbio maior com a comunidade, com as escolas e com grupos específicos, como os que trabalham com homossexuais".

Uma profissional que vai onde o jovem está

O prazer em atender a meninos e meninas de rua surgiu a partir do 5º período da faculdade de medicina em 1978, quando Regina Esteves começou a estagiar na Funabem. Atualmente, como pediatra do CMS Manuel José Ferreira, Regina dedica algumas horas da semana visitando casas de acolhida nos arredores do bairro do Catete, com a enfermeira Gicélia Lombardo. O objetivo de seu trabalho é conscientizar meninos e meninas de rua, assistidos por estas instituições, a terem mais cuidado com a sua saúde. "Para o trabalho dar certo, preciso ir onde estes jovens estão. Con-



quisto a confiança deles, ouvindo-os e entendendo o momento deles. Esta estratégia é fundamental para prestar um bom atendimento a este público", explica Regina, baseada em seus 20 anos de experiência.

Para ela, o principal desafio é deixar de lado o preconceito e tratar de temas que são fundamentais na vida desses jovens como sexo, drogas e violência: "Quando você conhece a história de cada um, você percebe que nada acontece por acaso".

Hoje, vários jovens vão voluntariamente ao posto à procura da pediatra: "Isto significa que o trabalho vem dando certo", comemora.

para saber  Contato com Reginas Esteves
ginaestves@conection.com.br

Respeito é bom...

Os profissionais de saúde têm que entender que a dor não escolhe idade. Uma vez fui ao posto de saúde e passaram várias pessoas na minha frente. Eu estava realmente passando mal. Depois deste tratamento, como eu ainda vou dizer que sou soropositiva?

Carla, 19 anos

A fila é um saco. Uma vez, cheguei no posto de manhã cedo e sai às quatro da tarde. O pior é que, como você fica muito tempo esperando, todo mundo quer saber o que você tem e por que você toma medicamento. Eu fico morrendo de medo de as pessoas descobrirem que eu tenho o HIV.

Suelen, 18 anos

Os profissionais de saúde deveriam tratar todos como serem humanos, sem preconceito. Eles deveriam receber um treinamento, serem mais preparados para nos deixarem à vontade. Eu quero ser tratado com respeito.

Robson, 17 anos

Acho que todos os postos deveriam ter atendimento especial para jovens, em dias separados. Eles devem ter mais cuidado com a gente também. Uma vez, uma enfermeira começou a me perguntar coisas íntimas quando soube que eu era soropositiva. Isso não está certo!

Consuelo, 19 anos

Somente os profissionais que gostam de jovens deveriam atender a gente. Eu percebo que têm médicos e enfermeiros que não têm paciência com a gente.

Cláudia, 17 anos

Eu não me sinto à vontade no posto de saúde para declarar que sou homossexual. Quando faço exame anti-HIV, minto! Tenho medo de ser discriminado. Tenho vários amigos que já foram discriminados. Muitos preferem não ir ao posto. Se automedicam comprando remédios na farmácia.

Luiz Caio, 23 anos

Uma enfermeira do posto perto de minha casa, quando foi me atender, perguntou se eu tinha Aids. Quando eu perguntei o porquê da pergunta, ela me disse: porque você é travesti!

Suelen, 19 anos

Escolas abertas ao diálogo

Fazer da escola um lugar onde os alunos possam conversar abertamente sobre sexualidade, uso indevido de drogas, respeito ao próximo, meio ambiente, e os incentive a debater esses assuntos com toda a comunidade escolar. Isto é possível e já se tornou realidade em 96 escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro através do projeto Núcleos de Adolescentes Multiplicadores.

A proposta, executada pela Secretaria Municipal de Educação através dos Projetos de Extensão Meio Ambiente e Saúde, das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) e das Unidades Escolares, foi criada em 1995 e oferece aos adolescentes matriculados na Rede Municipal de Ensino espaços democráticos de discussão e reflexão sobre a sexualidade e a cidadania.

“O nosso objetivo fundamental é construir uma sociedade mais democrática, através de escolas que ampliem seus espaços de diálogo”, afirma Márcia Regina Vinchon Mattos Sandins – Supervisora do Projetos de Extensão - Meio Ambiente e Saúde.

Montando o Núcleo

A montagem de um Núcleo de Adolescentes Multiplicadores começa com a capacitação do professor, oportunidade oferecida às escolas através de cursos anuais. Após estar apto a coordenar um Núcleo, ele verifica em sua escola quais os alunos interessados em participar do projeto. Ter interesse e compromisso em participar do Núcleo, tempo disponível fora do horário escolar e o consentimento dos responsáveis são alguns dos critérios para a inclusão do jovem ao Núcleo. Os selecionados participam de dinâmicas que utilizam diversas linguagens. “Com o tempo, esses jovens vão se apropriando deste conhecimento e, conseqüentemente, fortalecendo sua auto-estima. O grupo começa a influenciar positivamente o ambiente escolar, participando de conselhos de classe, reuniões de pais e visitando outras escolas”, conta Regina Muller, integrante da equipe de Proje-

tos de Extensão Meio Ambiente e Saúde.

O trunfo do projeto

Para Denise Palha, Assessora da Secretária de Educação do Município do Rio de Janeiro, o trunfo deste projeto é o protagonismo dos alunos: “Antes, se buscava respostas imediatas. Atualmente, trabalhamos com a reflexão. Quando escutamos nossos jovens, garantimos a eles um espaço de cidadania efetiva. Ao mesmo tempo em que ele questiona, ele traz propostas para a melhoria de sua escola”.

Os três primeiros Núcleos de Adolescentes Multiplicadores surgiram em 1995, em três escolas municipais, envolvendo 60 alunos. Hoje, são 96 Núcleos que atingem cerca de três mil alunos da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Para Márcia, um dos fatores de sucesso do projeto são as parcerias: “Além do nível central da Prefeitura, onde está a coordenação do projeto, as Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) e as Unidades Escolares, com seus professores, participam de reuniões mensais e de encontros de atualização. A Secretaria Municipal de Saúde também é nossa parceira”.

Seus resultados

Apesar de não haver uma pesquisa que meça o impacto deste projeto na vida dos alunos e da comunidade, a equipe observa transformações importantes. Regina lembra que os alunos de Núcleo participam ativamente de projetos e concursos realizados na rede: “Isso gera um movimento muito positivo de participação coletiva, de aprendizado e de desenvolvimento desses adolescentes”. Márcia complementa, destacando que “o significado de escola se amplia para esses alunos, criando uma noção de pertencimento que vai influenciá-los por toda a vida”. Denise Palha ressalta que é comum os alunos de Núcleo também se destacarem em outras atividades após deixarem a escola, quando completam o segundo segmento: “Quando vão para o ensino médio, eles

Projeto Conhecendo e Valorizando Nossas Escolhas

DENISE OLIVEIRA DE FREITAS
Escola Municipal Professor Gilberto Bento da Silva

Projeto Conhecendo e Valorizando Nossas Escolhas visa ampliar o olhar crítico, partindo do auto-conhecimento e da auto-valorização, despertando nos adolescentes a reflexão crítica e ética. Por estarem numa fase marcada pela instabilidade e insegurança, eles se tornam especialmente vulneráveis a uma série de questões relacionadas à saúde. Considerando a receptividade dos jovens quando ouvem seus pares, a estratégia principal do projeto é a formação de multiplicadores. A metodologia do trabalho prevê duas oficinas semanais, com um grupo fixo, por um ano. Nas oficinas temáticas, os temas indicados por eles geralmente são relacionados a sexualidade, prevenção ao uso indevido de drogas e cidadania e trabalhados através de dinâmicas, debates, dramatizações e vídeos. Nas oficinas multiplicadoras, os jovens planejam e dinamizam atividades para os outros alunos da escola, baseando-se nas atividades das oficinas temáticas. Os resultados mostram maior auto-conhecimento, auto-estima, responsabilidade e autonomia, com reflexos no desempenho escolar. Como muitos adultos geralmente os rotulam como “aborrecentes” e irresponsáveis, concluímos que a equipe do projeto tem alcançado seus objetivos e atuado como fator protetor, porque desmistifica o adolescente, ajudando-o a se tornar um cidadão crítico e comprometido com com os ambientes onde convive.

para saber  Escola Municipal Professor Gilberto Bento da Silva.
(21) 2413 5125

querem conquistar um ambiente democrático na outra escola também. Ou seja, exercer a sua cidadania, conquistar o seu espaço, ser ouvido. Esse é o nosso propósito. Com a auto-estima fortalecida, esse adolescente se sente incentivado a cuidar de si, buscando atitudes mais saudáveis consigo mesmo”.

eu aposto!

Ter a oportunidade de de conviver com jovens, principalmente em espaços que facilitam a livre expressão de idéias, ou ouvir e ser ouvido, a construção coleti-



Denise Oliveira de Freitas
Escola Municipal Professor Gilberto Bento da Silva

va materializada através do protagonismo juvenil, só me faz acreditar, cada vez mais, no potencial positivo dos jovens.

Alegria, criatividade, energia e o destemor de mudanças, características tão marcantes entre os jovens, mas às ve-

zes tão esmaecidas em muitos de nós, são muitas vezes as alavancas que precisamos para nos mobilizar na busca de soluções que atendam aos mais diversos anseios, trazendo benefícios não só a eles, mas a toda sociedade.

Os alunos soltam a VOZ



Pesquisa ouve, pela primeira vez, alunos da rede municipal a partir de 7 anos

Como pensam e agem os alunos da rede pública municipal de ensino diante de situações relacionadas a drogas, tabaco, álcool, sexo e outros fatores de risco? Este é o principal foco da pesquisa Solta a Voz, realizada em 1999/2000 com 1529 alunos da rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro entre a faixa etária de 7 a 15 anos. A idéia de elaborar esta pesquisa surgiu do interesse de Carlos Silva, gerente do Programa de Saúde Escolar da Prefeitura do Rio de Janeiro, em dimensionar alguns fatores de risco entre este grupo, tanto com relação a vivências relatadas com acidentes e agressões sofridas, como com o início da experiência com tabagismo, uso de bebidas alcoólicas, drogas e atividade sexual. O estudo também buscou identificar as informações que essas mesmas crianças e adolescentes possuíam sobre gravidez, DST/Aids, práticas contraceptivas e drogas.

Pesquisa inclui crianças a partir de 7 anos

“A maioria das pesquisas trabalhava com adolescentes a partir dos 12 ou 14 anos. Não tínhamos dados ou ‘um olhar’ sobre fatores de risco e de proteção na faixa etária de 7 a 10 anos. Uma conclusão importante do trabalho apontou que a maioria dos entrevistados que informou já ter experimentado tabaco, álcool e outras drogas e iniciado atividade sexual, o fez antes dos 14 anos. Ou seja, na faixa de idade do Ensino Fundamental”, analisa Carlos Silva, que vê neste material uma referência para trabalhar com ações de promoção da saúde no ambiente escolar. “Com os dados na mão, temos mais chances de construir estratégias que subsidiem o aluno nessa etapa de ‘experimentação’ e o estimulem para escolhas mais saudáveis”.

Família: uma fonte de informação

Segundo a pesquisa, a família é a principal fonte de informação na hora da dúvida para diversos assuntos, inclusive os relacionados à sexualidade: “Cerca de 40% dos entrevistados, independente de sexo e faixa etária, procuram a mãe nesses momentos.

Logo a seguir, de um modo geral, procuram pelo pai. Considerando a soma entre mãe e pai, percebe-se que a família é a principal referência, ao contrário do que muitas vezes se pensa achando que a família está desestruturada”, explica Carlos.

A Solta a Voz permite ainda outras associações dos dados, como a experimentação do tabaco e do álcool à facilidade de acesso em casa. “Com isso, percebemos que ou a unidade de saúde e a escola incluem a família em suas estratégias de atuação, ou estaremos trabalhando com pessoas isoladas de seu contexto e de seu núcleo de referência”, analisa Carlos.

	Faixa etária de experimentação	cigarro	álcool	outras drogas
meninos	até 9 anos	19,70%	33,90%	3,80%
	10 a 12 anos	25,40%	39,70%	27%
	13 a 14 anos	40,40%	20,90%	20,80%
	15 anos ou mais	14,60%	5,50%	48,30%
meninas	até 9 anos	20,10%	37,80%	0
	10 a 12 anos	44,70%	40,60%	16,60%
	13 a 14 anos	26,40%	15,60%	56,30%
	15 anos ou mais	8,80%	6,10%	27%

Os maiores de **10 anos**

10% afirmaram já ter tido a **1ª** relação sexual

Destes, **60%** apontam o uso da camisinha como forma de prevenção de doenças.

Entre os **40%** que afirmam que não usam a camisinha: os meninos alegam falta de tempo ao passo que as meninas dizem que o parceiro não quer usar.

Perfil dos participantes: **1529** alunos da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro; **818** do sexo masculino, **711** do sexo feminino. Faixa etária de **7 a 15** anos.

para
saber 

Se você quer ter acesso à íntegra da Pesquisa Solta a Voz saudeescolar@pcrj.rj.gov.br

Circulando Informações

A *Gerência do Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD)* desenvolve diversos projetos que contribuem para a promoção de saúde e a prevenção das DST/Aids:

Projeto Vista essa Camisinha – atividades de promoção da saúde e dispensação de camisinhas de 49 e 52mm através das unidades da SMS e de parceiros

Projeto Sinal Verde – facilitação do acesso às unidades de saúde de adolescentes de instituições parceiras

Projeto Homens Jovens e Saúde (parceria Inst. Promundo, NESA/UERJ; apoio OPAS e OMS) – estratégias de inclusão dos rapazes nas atividades de saúde

Rede de atenção a crianças, adolescentes e famílias em situação de violência doméstica - (parceria Prog. da Criança e Núcleo de Atenção à Violência – NAV)

Rede de atenção a vítimas de violência sexual - (parceria Prog da Mulher, Prog da Criança, CEPIA)

Adolescentos Maré e Paulo Freire (parceria Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré- CEASM) – projetos de protagonismo juvenil

Educação permanente - Centro de Estudos da Adolescência, treinamentos diversos e estágios para médicos no IPPMG/UFRJ

Movimento pela Valorização da Paternidade - (parceria com secretarias municipais, universidades e ONG) – atividades voltadas para o envolvimento dos homens no cuidado com crianças e adolescentes

Para saber +

www.saude.rio.rj.gov.br/adolescente
gpa@pcrj.rj.gov.br - Tel 2503 2246

Pólos de Empréstimo

Material educativo, publicações e vídeos para profissionais de saúde da SMS/RJ:

CMS Marcolino Candau CAP 1.0
Rua Laura de Araújo, 36 Praça Onze
Tel 2504 3207 / 2273 2244

CMS Manoel José Ferreira CAP 2.1
Rua Silveira Martins, 116 Flamengo
Tel 2225 7505 / 2265 3864

CMS Heitor Beltrão CAP 2.2
Rua Desembargador Isidro, 144 Tijuca
Tel 2570 5528

Coordenação da Área de Planejamento CAP 3.1
Rua Leopoldina Rego, 730 Penha
Tel 2270 5488 / 2270 8494

CMS Milton Fontes Magarão CAP 3.2
Rua Amaro Cavalcanti, 1387 Engenho de Dentro - Tel 2289 9197 / 2289 8847

CMS Clementino Fraga CAP 3.3
Rua Caiçaras, 514 Irajá - Tel 2482 7573

PAM Newton Bethlem CAP 4.0
Rua Barão, 259 Praça Seca - Jacarepaguá
Tel 3359 0166

CMS Waldir Franco CAP 5.1
Pça. Cecília Pedro, s/nº Bangu
Tel 3331 1270

PAM Carlos A. Nascimento CAP 5.2
Praça Major Vieira de Melo Campo Grande
Tel 2413 0709

CMS Lincoln Freitas Filho CAP 5.3
Rua Lopes de Moura, 46 Santa Cruz
Tel 3395 2893

Sites Interessantes

Adolesite
www.adolesite.aids.gov.br

Ag. de Notícias pelo Direito da Infância – ANDI
www.andi.org.br

Biblioteca Virtual em Saúde do Adolescente - BVS ADOLEC
www.adolec.br

Centro de Referência, Estudo e Ações sobre Crianças e Adolescentes - CECRIA
www.cecria.org.br

Comunicação em Sexualidade - ECOS
www.ecos.org.br

Conexões
www.conexoes.net

Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids - NEPAIDS
www.usp.br/nepaids

Observatório Jovem
www.uff.br/obsjovem

Olhares do Morro
www.olharesdomorro.org

Portal do Protagonismo Juvenil
www.protagonismojuvenil.org.br

Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde
www.aids.gov.br

Século XXI
www.multirio.rj.gov.br/seculo21

Sou de Atitude
www.soudeatitude.org.br

Boas Leituras

A Adolescência
Calligarios, Contardo – São Paulo; Publifolha, 200 (Folha Explica)

Esse Sujeito Adolescente
Alberti, Sônia – Rio de Janeiro; Rios Ambiciosos, 1999

Sexualidade e Adolescência – as oficinas como prática pedagógica
Rena, Luiz Carlos Castello Branco – Belo Horizonte: Autêntica, 2001

Informações Úteis

Espaço Livre de Orientação em Sexualidade e Saúde – ELOSS

Núcleo de Saúde do Adolescente – NESA – UERJ

Consulta, empréstimo e doação de material para pesquisa e trabalho como vídeos, livros, cartilhas, folders e jogos

Avenida 28 de Setembro, 109/fundos.
Pavilhão Floriano Stoffel, sala 3. Vila Isabel.

Tel: 2587 6570 ramal 28
Horário de funcionamento: 2ª a 6ª feira de 9 às 17h - E-mail: eloss@uerj.br

www.nesa.uerj.br

Ministério da Saúde
0800-611997 – Ligação gratuita

Disque adolescentes
Tel: (11) 3819 2022 – de 11 às 14h

